

A CRISE DA ENERGIA*

(Homenagem ao 25º aniversário da morte
de Teilhard de Chardin)

José Luiz Archanjo

“Mais do que qualquer outra, a década de 70 ficará registrada como a **Década da Escassez** — e não apenas de petróleo” — assim a Revista Veja, em seu número 590, edição especial de 26 de dezembro de 1979, caracterizou, sob a perspectiva da Economia, os anos que acabamos de viver, sem nenhum prognóstico otimista para os anos que temos a viver ainda.

É impactante, sem dúvida. E assustador. Sobretudo quando se tem em vista que, diante dos sucessos já alcançados e das possibilidades de sucesso a realizar, o pior que nos poderia acontecer agora seria ter que nos determos ou retroceder por falta de **Energia**...

Sim, porque estamos num tempo de precipitação do progresso humano. Mais que isso, sofreremos com o mundo o “desafio do desenvolvimento”. E, ainda mais, vivemos num país que avança na linha de uma verdadeira mística desenvolvimentista.

Desde o plano mais geral da Contemporaneidade ao plano mais particular da Brasilidade torna-se então primordial e básica a questão dos **Recursos**: recursos materiais, recursos humanos, **recursos** — para dizer uma palavra tudo — **energéticos**, capazes de sustentar o processo evolutivo. Onde a pergunta:

— Que dinamismo ou força pode impulsionar o Homem à maior **produtividade** ?

Toda uma literatura técnico-científica se debruçou e continua a se debruçar sobre tal problemática social e econômica humana. E com

(*) No dia 10 de abril de 1980, completaram-se vinte e cinco anos desde a morte de Marie-Joseph Pierre Teilhard de Chardin, SJ em Nova Iorque.

Pensador, cientista e místico, Teilhard de Chardin, criador da Hiperfísica, é certamente uma das figuras mais fascinantes do século XX. Através de sua vastíssima obra, escrita em meio a adversidades de toda ordem — as duas Grandes Guerras, o exílio, a falta de permissão eclesial para publicar seus escritos, a sucessiva perda de entes queridos, os abalos de saúde — buscou ele sintetizar suas experiências de paleontólogo preocupado com as origens do Homem e sua concepção místico-religiosa numa nova visão unitária da realidade: a Visão Hiperfísica, segundo a qual tudo é um só todo dinâmico que se vai orientando e progredindo ao longo do Espaço-Tempo rumo ao Ponto Ômega, a pura espiritualidade. Tal é a grande síntese que ele expressa sobretudo em sua obra-mestra “O Fenômeno Humano”. Sua grandiosa concepção evolutiva, visando a integrar coerentemente Filosofia, Ciência e Religião num saber

tanta precisão que já atingimos até o temor de uma “desumanização” do Homem.

Há tempo — ainda que, talvez, sem toda a eficácia desejável — erguem-se os Humanistas em defesa do Homem, “esse desconhecido”... e o resultado é toda uma literatura científico-humana (sociologia, psicologia etc.) e artística (romance, poesia, teatro, cinema etc.) que, afinal acaba-se defrontando, no plano pessoal, com a mesma questão dos recursos:

— Que dinamismo ou força pode impulsionar o Homem, cada homem, à sua **auto-realização** ?

Para responder ao Homem e à Humanidade multiplicaram-se e continuam a multiplicar-se os humanismos contemporâneos, num leque interminável de perspectivas. Cumpre observar, porém, que, na atualidade, a direção desses humanismos vem-se patenteando cada vez mais pragmática e, em certo sentido (no mais das vezes não-científico), individualista.

Pragmática porque o que conta é o resultado mais imediato e prático. Se, na mesma linha de solução, chegarmos simultaneamente à maior produtividade em função da Humanidade e à maior auto-realização em relação ao Homem, tanto melhor ! Se não, que se sacrifique um dos termos pelo outro — o que, aliás, passa a depender da ideologia reinante... O Elemento ou o Conjunto ? O homem ou a Humanidade ? O Indivíduo ou a Sociedade ? O Cidadão ou o Estado ?

Individualista porque o que vale é a sobrevivência, o bem-estar e a felicidade de cada um obtidos, existencial (istica)mente, a partir de **recursos pessoais** (aí o sentido não-científico ! já que não pode haver ciência do particular...). Esses recursos “pessoais” vão desde o poder do subconsciente, à força do pensamento positivo, a magia da percepção extra-sensorial, o domínio da mente etc. até o cultivo de atitudes originais como a volta à primitividade, a vivência tragicômica da existência, o niilis-

superior e fecundo, afirma-se como uma empresa intelectual revolucionária e audaz, cujo resultado, no entanto, longe de significar mera ruptura com uma herança cultural humana para a inauguração do novo, inscreve-se na magna tradição de uma leitura **teológica** do Homem e do Mundo. Essa leitura ele a realiza rastreando todo o percurso cósmico e particularmente humano desde a aurora dos tempos e da civilização (Teilhard se considerava um **físico** no sentido pré-socrático do termo), buscando apreender e revelar a continuidade do processo evolutivo, seguindo um método fenomenológico científico e tendo como referencial o Divino implícito nos primórdios, diáfano no decorrer da duração e manifesto ao final da **santa** Evolução.

O autor do presente artigo, Prof. José Luiz Archanjo, Doutor em Filosofia, “é incontestavelmente, o grande especialista brasileiro de Teilhard de Chardin e seu intérprete mais autorizado” (H.C. de Lima Vaz, Rev. Síntese, vol. VI, nº 17, set-dez 1979, p. 125). Professor universitário e conferencista tem-se dedicado à divulgação das idéias

mo, o hippismo, a adesão a uma mística qualquer (sobretudo religiosa e, cada vez mais freqüentemente, de cunho oriental...) etc. Isso para não falar das “fugas” ao problema em si e/ou a si mesmo até na terapia, na análise, na psicodança. Ou na dança, nas drogas. Ou, no mínimo (porque posição da maioria das pessoas), num laicismo materialista, ateu, epicurista, afrodisíaco, antiintelectualista ou positivista prático e, mais que tudo, relativista e, por conseguinte, cético !

Quando se chega a tal estado de coisas — e de si — é inevitável o desnorreamento, a desorientação. Entra-se, cedo ou tarde, em **crise**.

Crise é tempo de pesar, avaliar, optar. E esse tempo é inevitável.

Chega, no mínimo (outra vez, porque para a maioria das pessoas) com a doença, com o sofrimento, com a velhice, com a aproximação da morte. Ou então com a angústia diante da realidade sem fantasia, com a percepção da histeria e da violência, da neurose ou do anonimato, da ilusão ou da alucinação. Ou ainda com a insatisfação e a frustração. E, sempre, com as exigências da **Ação**.

Não esqueçamos que a Humanidade ainda nos pede **produtividade**... Nem que o Homem que somos e queremos ser nos demanda uma **auto-realização** laboriosa...

Inútil projetar tal crise para fora de nós, generalizando-a, transferindo-a e identificando-a com a crise do Mundo à nossa volta. Uma pode ser tanto causa como efeito da outra. E, de resto, essa solução sendo puramente intelectual, não resolve nada. Não nos basta o anestésico para a consciência. Queremos, antes, a vitamina para o coração !

E eis que o momento em que se pára e a pergunta vai mais longe:

— Para quê ?

— O Real precisa, realmente, de nós ? Não se fez e não continuará se fazendo sem nós ou apesar de nós ?

teilhardianas e, pelo mérito de seus trabalhos, a **Fondation Teilhard de Chardin**, de Paris, encarregou-o de revisar, aprovar e controlar toda e qualquer tradução e/ou edição das obras de Teilhard que venham a ser publicadas no Brasil, autorizando-o também a traduzir, anotar e comentar quaisquer textos teilhardianos. Foi com tais credenciais, raramente concedidas pela **Fondation**, que o Prof. José Luiz Archanjo publicou “**Mundo, Homem e Deus**”, antologia editada pela CULTRIX e lançada, em São Paulo em 1978; e “**Meu Universo e A Energia Humana**”, traduções publicadas pelas Edições Loyola, em 1980, São Paulo.

Neste artigo, em homenagem ao XXV aniversário da morte de Teilhard, ele nos apresenta uma síntese da visão do sábio jesuíta, a partir da tematização de uma das mais vibrantes problemáticas contemporâneas: a crise da Energia, e nos apresenta um texto teilhardiano raro e inédito em português.

— Teria esse mesmo Real evoluído ao ponto de exigir agora recursos energéticos impossíveis, inexistentes ?

— Se não, onde e como encontrar tais recursos ?

— Serão “humanos” ? Exclusivamente “humanos” ?

— Então, tudo, o Todo, depende, de fato, de nós ? De nossa atividade ?

Perguntas desse tipo não são herança apenas dos sobreviventes de uma década de escassez. Sempre assaltaram os seres humanos ao longo de sua História semeada de crises. E já assaltavam, portanto, muitos espíritos que, na primeira metade deste século, entre duas guerras mundiais, sofreram ainda o impacto da primeira das guerras ideológicas na Espanha em 1936 e a tragédia bélica sino-japonesa em 1937.

E, mais ainda, o espírito de Teilhard de Chardin que, além disso tudo, sofria, na mesma época, entre 1932 e 1937, os abalos de dramas pessoais como a perda de amigos caríssimos, de seus pais e irmãos, e, ainda, uma primeira manifestação grave de enfermidade.

Sensibilizado, entretanto, ele se encontrava não tanto por aquela participação de quem vê as coisas de perto ou por aquela outra de quem compreende melhor as dores do mundo a partir das suas próprias dores... Mas sensibilizado por uma participação própria de quem assiste, antes dos resultados, ao processo; antes dos efeitos e das causas, ao clima, à atmosfera, ao sistema de coordenadas, ao campo magnetizado.

E ele, melhor do que ninguém, estava de olhos abertos.

Sua própria vida o treinara para tanto. O seminarista-exatamente da época em que se elevava a onda anti-religiosa e anticlerical na França — transformara-se no místico e no homem de ciência que, desde 1923, vivera os conflitos da China numa espécie de exílio não-oficial. Ele é, então, o sempre místico, cientista-pesquisador super-relacionado com filósofos, teólogos e cientistas — físicos, geofísicos, geólogos, paleontólogos, antropólogos, arqueólogos etc. — de porte internacional.

E é nessa posição que, no mesmo período de 1932 a 1937, ele efetua três estadas na França, três nos Estados Unidos e várias viagens pelo Oriente.

O cientista cidadão-do-mundo é aquele de uma época em que a física nuclear vai revolucionando a nossa concepção de matéria, mostrando que **Matéria** e **Energia** são reversíveis, podendo a primeira ser considerada um campo de forças energéticas; em que a **Evolução**, ou especificamente o **Transformismo**, deixa de ser uma hipótese para galgar célere os foros de

sólida doutrina, pressuposto de todas as hipóteses, “categoria” — diria Kant — do nosso conhecimento do Mundo...

O pensador cidadão-do-mundo é aquele que assiste ao surto dos **Humanismos Contemporâneos** de que falávamos, muitos dos quais desembocando no “taedium vitae” e no niilismo, enquanto outros se formulavam politicamente em **Democracias** ou **Totalitarismos** — Comunismo, Nazismo, Fascismo — ambos confundindo o **Pessoal** e o **Universal**...

O teólogo cidadão-do-mundo é aquele que pretende fazer a apologia do Cristianismo, enquanto proliferam os **Ateísmos Militantes**, enquanto o **Catolicismo** se ameniza numa espiritualidade desencarnada de evasão mística, enquanto se propõem os **Panteísmos** de dissolução da Pessoa no Infinito sem nome...

A tentação de “cruzar os braços e deixar se levar” não assalta a ele, o de “ígneo vigor”. Mas... como afastá-la de seus contemporâneos e das gerações futuras ?

A resposta a essa pergunta deveria incluir as respostas a todas aquelas outras acima formuladas, desde o “para quê ? ” até “qual o valor de nossa ação ? ”

E a resposta de Teilhard é de um otimismo não-utópico, extraordinariamente lúcido, global, e, sobretudo, operante, construtivo. É uma resposta atual, porque eterna. Ela é um **ato de fé**, ou vários e sucessivos atos de fé, consubstanciados na epígrafe de sua obra de 1934 “Como eu creio”:

“Eu creio que o Universo é uma Evolução.

Eu creio que a evolução se dirige para o Espírito.

Eu creio que o Espírito — no Homem (ele acrescentaria em 1950) — se consuma no Pessoal.

Eu creio que o Pessoal Supremo é o Cristo-Universal”.

Aí está ela na sua simplicidade grandiosa. Cada uma dessas afirmações é, na verdade, mais que pura crença. É certeza cientificamente adquirida ou convicção filosoficamente conquistada e, só então, ato de fé religiosamente postulado. Mas tudo sintetizado numa só **afirmação humana** que é coerente e fecunda harmonização científico-religiosa do Real.

Depois de uma primeira sistematização de sua visão do Mundo — “Meu Universo”, em 1924 — Teilhard parte para a estruturação de sua visão do Homem — “O Lugar do Homem na Natureza”, em 1932.

Dessas duas visões que não são senão a mesma visão se precisando, resultam já as suas concepções-mestras.

No Real, a **Vida**, **Matéria**, **Vida** e **Pensamento** se sucedem e se superpõem como escalões ou limiares de continuidade e ruptura ao longo do mesmo processo evolutivo.

No Real, a **Vida** — Biosfera, a película de substância orgânica de que nos aparece hoje revestida a Terra — é natural e fenomenalmente coroada pelo **Pensamento** — Noosfera, invólucro espiritual, esfera de reflexão, da invenção consciente e da união sentida pelas almas.

É nesse último avanço que consiste o fenômeno da hominização, da humanização da Vida pelo Pensamento, o **Fenômeno Humano**.

É preciso, portanto, reintroduzir o Homem na história geral da Terra; sem mutilá-lo, a ele, Homem, mas também sem desorganizá-la, a ela, Terra. O Homem acima da Terra, mas nela enraizado; a Terra abaixo do Homem mas nele sublimada. Entre ambos a Vida.

Somente assim podemos compreender todos os mo(vi)mentos do Real — **Matéria**, **Vida**, **Pensamento** — e o seu encaminhamento, a sua direção, o seu sentido, a sua significação. Eles constituem manifestação progressiva do **Espírito**. E o Espírito, no Homem, se revela **Pessoa**, isto é, centro de reflexão, liberdade e amor.

Nesse sentido, **Cristo** se revela a Pessoa por excelência e o Cristianismo se evidencia o depositário de condições que o tornam apto a constituir um ápice evolutivo, coroamento do Pensamento, como este o foi da Vida.

Alguém poderá questionar: Mas que tem a ver, afinal, uma sistemática religiosa espiritual com uma problemática energética material? Não é parcial, vicioso demais ou até alienante pretender uma “saída” teológica, ocidental, cristã, sobrenatural para uma dificuldade natural, laica, planetária, cósmica?

Só poderá ter essa ilusão quem olhar o cume altíssimo do edifício sem prestar atenção aos andares que o constituem, aos fundamentos que o alicerçam.

Teilhard tem os olhos voltados para o Céu, é verdade. Mas tem também os pés na Terra. E quando se dirige ao Homem, aos homens, é antes aos “gentios”, aos incrédulos, aos ateus, do que aos religiosos místicos.

Daí a sua fé no Mundo, no valor, na infabilidade e na bondade do Mundo, equivalente à aquiescência a uma verdade científica.

Um qualquer pode ou, mais que isso, é obrigado a reconhecer que esse Mundo é um processo global de interligações, um Universo, um “Todo” evidente do qual ele próprio, homem, é elemento. E um Todo assim é, de fato, infalível. Demonstra-o a sua natureza dinâmica e evolutiva: ele é uma unidade, mas não um sistema espaço-temporal fixo, um “bloco” cristalizado por assim dizer, antes um impulso contínuo em direção à maior consciência. Por isso quem “vê” o Mundo evoluindo, percebe também o encaminhamento dessa Evolução para o Espírito.

Ora, se aos nossos olhos, o Espírito emerge da Matéria, por que não construir toda uma Física espiritual — uma **Hiperfísica**¹ — onde o Pensamento, imortal à medida que irreversível, surja localizado naturalmente no Mundo? Por que não admitir e demonstrar que o equilíbrio e a consistência cósmicos não estão na massa (material) dos corpos, mas na energia (espiritual) que os anima? Por que não procurar o princípio de sustentação universal por “dentro” em vez de por “fora”, no “alto” em vez de “em baixo”, “à frente” em vez de “atrás”, no “resultado final da síntese” em vez de nos “elementos primordiais da análise”?

E se, do Passado para o Presente, o mais “fenomenal” dos resultados foi a emergência de centros de pensamento, focos de consciência, **Personalidades** enfim, sobre construções orgânicas altamente complexas, por que não aceitar que, do Presente para o Futuro, continuará emergindo, aos nossos olhos, uma supercomplexidade por unificação, um ultra-foco de consciência, um hipercentro de pensamento, Centro dos centros, uma Pessoa, um **Alguém**, por união?

É claro que tal aceitação, partindo da Ciência, desemboca na Religião, mas como um horizonte sem limites, aberto às mais humanas aspirações, aos mais elevados e, no entanto, concretos — ideais (inclusive **produtividade e auto-realização**...).

Balanço das Religiões que lograram obter ou continuam obtendo adesão da Humanidade: qual mais “adequada” que um **Cristianismo** aberto às exigências da Terra?

Nem Panteísmo dissolvente, nem Mística desencarnada e, menos ainda, idolatria do Progresso. Simplesmente a admissão de um Mundo personalizado cuja dominação nos personaliza, a constatação de uma Evolução de todo o Universo culminando num ápice Pessoal que o ilumina e atrai.

Estando essa Evolução Cósmica, presentemente, em estágio de Hominização, ou seja, sendo o Homem a própria Evolução tornada auto-consciente (e, estando, convém lembrar, esse mesmo Homem em crise

diante da problemática da Ação e dos recursos que ela demanda...), há que se formular uma **Energética Humana**, isto é, uma dinâmica generalizada, centrada em forças espirituais que sintetizem as energias físico-químicas, biológicas e psíquicas a nível humano, mantendo, canalizando, incentivando, multiplicando e aumentando aspirações e paixões humanas, de modo que permita estimular e operar o avanço daquela mesma Evolução.

Por outro lado, se o mistério do Mundo se revolve na existência de um **Centro Pessoal** e é preciso encontrar um que responda às exigências dessa Energética, por que não reconhecê-lo no Cristo ?

Imensa a vaidade do esforço puramente humano se não houver uma saída simultaneamente natural e sobrenatural do Universo para alguma consciência imortal... Descobrir essa saída e dar assim uma infinita esperança ao trabalho, à pesquisa, à adoração — à Ação humana enfim — eis o “programa” que Teilhard explicita em sua obra “A Energia Humana”, em 1937.

A formulação da Energética Humana está, portanto, vinculada — é preciso que se note bem — à descoberta do **Universal-Pessoal** (Cristo Cósmico, cuja figura é bem delineada em “Esboço de um Universo “Pessoal”, em 1936) como fecho ou chave de abóboda, polo superior de sustentação. Mas seus primeiros alicerces são bem terrenos e humanos: universalismo, futurismo (ou fé na renovação da Terra) e personalismo. É somente da concentração dos “fragmentos de religião” que se chocam com essas três posições e entre si que emergirá o “**neocristianismo**”: um Cristianismo consumando a Hominização e, para tanto, desde já (sobre) animando o esforço humano, abrindo-lhe uma saída ilimitada para o cósmico e supracósmico, demonstrando-lhe essa saída num Centro Pessoal Superior não apenas teórico, mas tão “concreto” e real que já perceptível.

Uma reflexão filosófica rigorosa fundamenta e garante a solidez desse “programa”. É a “**Filosofia da União**” cujos princípios básicos são: ser é unir ou ser unido; ser mais é unir-se cada vez mais; a verdadeira união diferencia e, no caso do Homem, personaliza.

Importa, de partida, a pessoa. Sua plena significação, entretanto — seus prolongamentos (a super-Humanidade), sua consumação (no Divino), a sua energia (o Amor), a sua religião (o Cristianismo acima sugerido) — só se encontra num “**Todo de Personalização**”. Esse todo coincide com a figura central e definida do Cristo que não se superpõe apenas ao Universo, mas o penetra, sendo, como diz São Paulo, “tudo em todos” (Cor. I, 15,28): encarnado, assumiu as dimensões do Universo; ressuscitado, é a sua força de imantação, o seu pólo de atração, a sua Meta, o seu Fim.

Em suma — o Mundo é uma vasta Cosmogênese ? Cristo é o seu motor. Essa Cosmogênese é processo que se orienta ? Cristo é o seu Alvo, Cristo o atrai. Alfa e Ômega, Cristo é o ser em que o Pessoal se expande — co-extensivo às imensidades físicas do Tempo e do Espaço — até se fazer Universal.

O Cristianismo que impregna, então, toda a programação energética teilhardiana ultrapassa as correntes confusas da Democracia decadente, do Comunismo e do Fascismo nascentes e se superpropõe aos ateísmos militantes, aos espiritualismos desencarnados e às religiosidades anêmicas.

É por esse Cristianismo atuante que a Humanidade crê no Futuro, reconhece a Convergência e compõe uma linha de frente, uma vanguarda, um "Front" humano.

A Evolução não parou em nós ou conosco.

Socialmente, por "fora", falta muito a unificar: fusão e integração das raças, elaboração de formas comuns de linguagem, moralidade e ideais...

Afetivamente, por "dentro", há muito que se unir: comunhão de interesses, luta pelos mesmos objetivos, descoberta de afinidades numa só "Alma Humana"...

O Amor, princípio unificador e unitivo das energias humanas, "a" Energia Fundamental, faz da Humanidade uma grande esfera de que Ele é o centro. Aqui, uma esfera que implica um centro. Lá, no Cristo-Amor, Ponto Ômega, um centro esperando por uma esfera... A conclusão é evidente.

O que convém observar é que Teilhard já tem em mãos o princípio, segundo o qual toda gênese deve ser entendida em função de seu fim e que, por conseguinte, as coisas só nos são inteligíveis quando consideradas na totalidade de seu "devenir", do seu "sendo", do seu "formando-se" e "transformando-se". Assim, ele chega a formular em termos energéticos tanto a problemática cósmica (campo de investigações científicas), como a problemática humana (campo de investigações filosóficas), como a problemática religiosa (campo de investigações teológicas). Por isso consegue, simultaneamente, responder à questão da **Ação** e propor, para fundamentá-la, a questão da **Visão**:

— Como impulsionar o Homem à **produtividade** e cada homem á sua **auto-realização** ?

— Com a força do **Amor** atuando como princípio de unificação na **Matéria** e, ao mesmo tempo, de união no **Espírito**, até a constitui-

ção de um Todo amorizado, isto é, o Pessoal-Universal, em que Deus e o Mundo se harmonizam no Eu, com o Eu e pelo Eu. Eis aí, como queria Tucídides, “uma obra para sempre” !

Mas, por outro lado (e eis a questão da Visão) :

— Como nos situarmos nesse Todo de que somos necessariamente elementos constitutivos ? Como conhecer o lugar natural de nosso Eu nele ? Como definir os seus contornos e apreender os seus eixos de progressão já que, aos nossos olhos, ele está-se fazendo ainda ? Como encontrar índices ou pontos de referência ? Como, enfim, divisar a sua consumação, ao menos como estímulo e motivação, para promovê-la e dela participar ?

É respondendo a essas perguntas que Teilhard concebe uma **Física Generalizada** para o estudo de todo o fenômeno e do fenômeno todo inteiro, onde também a Vida, também o Pensamento, também a Religião, possam ser estudados como fenômenos naturalmente ligados entre si e aos demais.

Compreenda-se, Teilhard quer unir as “partes” para possibilitar a visão do Todo. Mas como esse Todo é dinâmico, processual, “in fieri”, não há “partes” estritamente falando, mas momentos-níveis, gêneses, criações, numa emergência contínua do novo.

Por isso não cabe, em termos de Visão (percepção, conhecimento, saber), nenhuma explicação do Real, geométrica, pseudo-absoluta, mas antes uma representação real da série ligada, da sucessão tempore espacial dos fenômenos que, num processo evolutivo fundamental único, vão desde o pólo material até o pólo espiritual de nossa experiência.

Não se trata de deduzir um “mundo de idéias e princípios”, mas sim de co-criar, com Deus, o Universo, atuando conscientemente para o seu e/ou nosso aperfeiçoamento. Não se trata de construir uma Metafísica, mas de promover uma **Ultrafísica** ou **Hiperfísica**, abordando, com métodos científicos, as questões espirituais ou “religiosas” e humanas ou “filosóficas”, numa mesma sabedoria coerente, homogênea e fecunda.

Coerente, homogênea e fecunda. Analisar, ainda que brevemente cada um desses atributos, exigiria de nós uma exaustiva caracterização da Hiperfísica, pela descrição de seu campo de atuação, de seus pressupostos, de seu método fenomenológico-científico, de seus instrumentos de investigação e de seu objeto, desembocando numa definição. Tais desenvolvimentos não caberiam nestas meras considerações. Limitemo-nos, então, a uma observação final sobre o terceiro atributo: a **fecundidade**.

Por “fecundo” entendemos o que é frutífero, fértil, produtivo.

Ora, em que medida um saber pode ser fecundo? Não apenas na medida das perspectivas que abre a nossa compreensão ou pelas luzes que lança sobre o nosso entendimento, mas também — e sobretudo — na medida da finalidade ou orientação que propõe à nossa ação.

É justamente aí que reside a fecundidade do saber hiperfísico: ele tem por escopo prático, expressamente, conservar em nós a **coragem e a alegria de agir**.

Quem chega a se colocar a supra-referida questão da **Visão**, percebe muito bem e quanto ela é correlata à da **Ação**, a ponto de uma estar, de algum modo, implícita na outra, cada ato levando a uma ampliação ótica e vice-versa, continuamente. Senão, vejamos:

Adiante de nós, a continuidade do percurso e o prolongamento da trajetória de um Fenômeno que também é o Homem presentemente ou que é também o Homem presentemente.

“**Que fazer?**” é uma questão, tão vital para a nossa vontade, quanto “**Que somos?**” é vital para a nossa inteligência.

E todas as dificuldades da resposta se traduzem justamente na multiplicidade de saídas possíveis, rumos prováveis, itinerários contingentes daquele Futuro, uma vez que, a essa altura, estamos e somos em nível de decisão.

Até aqui, nossa ação podia ser sobretudo instintiva, solucionadora dos pequenos problemas cotidianos, voltada para o dia-a-dia imediato. Agora, porém, é diferente: vemos que, mesmo sem sair concretamente desses níveis pessoais e tão humanos, cada ato, por modesto que seja, implica um posicionamento, uma tomada de decisão, uma opção da qual depende, em última instância, o porvir universal inteiro !...

Cada um de nós é o Homem, isto é, o Real se hominizando, a Matéria se vivificando, se pensando, se espiritualizando, a Evolução se conscientizando, o Mundo se personalizando, a Pessoa se universalizando, se cristificando, a Criação se consumando, Deus se manifestando.

Então já não podemos, como animais, confiar “cegamente” em nossos instintos. E nem em qualquer “mestre” da ciência, da filosofia, da política, da moral ou da religião.

E também não se trata apenas de “ir por aqui ou ir por ali”. Não, já se viu que, de fato, Sartre não tinha razão ao afirmar que “dá no mesmo conduzir povos ou embriagar-se sozinho”. Não nascemos sem razão, não continuamos por covardia, nem morremos por acaso.

Vejo — diria Descartes — logo, decido o que faço. E tanto que a própria recusa a tomar uma decisão já equivale a uma decisão, posto que — sendo humano — tenho o poder de perscrutar o futuro e criticar o valor das coisas.

Em suma, à minha decisão abre-se um leque de possibilidades:

- deixar de agir por alguma forma de suicídio em qualquer plano;
- evadir-me em fuga até numa mística de separação;
- concluir-me individualmente por segregação egoísta fora da massa;
- deixar-me arrastar passivamente;
- atirar-me resolutamente na corrente de conjunto para nela ser incorporado;
- etc. etc. etc...

Nessas possibilidades não é difícil identificar uma série de posições adotadas ao longo da História, dos Humanismos clássicos à crise do Helenismo, dos Humanismos modernos até a crise da Contemporaneidade.

Importa, porém, ter bem claro, em mente, que a cada tipo de decisão corresponde, necessariamente, um tipo de Mundo — desordenado ou orientado, esgotado ou ainda jovem, “quebrado” ou íntegro, “nauseante” ou apetitoso, estático ou evolutivo, dispersivo ou convergente etc. etc. etc.

Ora, se concordamos com Teilhard — e já no início destas páginas o fizemos — que a tarefa fundamental se tornou a de assegurar, racional e maduramente, o progresso do Mundo de que fazemos parte (**produtividade humana**) e o nosso próprio desenvolvimento (**auto-realização pessoal**) e que — foi isso o que tentamos explicitar — dessa tarefa depende a continuidade coerente e fecunda da trajetória do Universo, então a conclusão vem por si:

O Homem não é, segundo os ingênuos antropocentrismos estáticos, o centro do Mundo, mas — o que é muito mais nobre — eixo e flecha da Evolução. O que equivale a dizer que para explicar o Homem e resolver os seus problemas críticos — como os atuais energéticos — é preciso nada menos do que todo o Universo e para explicar o Universo, mais do que nunca daqui por diante, não há outra chave senão o Homem.

Há um sentido fundamental na História do Todo e esse é uma unidade crescente, tão dependente agora de nossa Ação, que parece até exigí-la em troca de nossa própria **felicidade**.

Cremos ser isso que Teilhard tinha em mente quando, em 1933, numa "profissão de fé", afirmava:

"Só podemos ser fundamentalmente felizes se nos unificarmos pessoalmente com um Pessoal (com a Personalidade do Todo) no Todo. Tal é o último apelo do Amor".

Por conseguinte, a substância da alegria de viver se descobre na consciência ou no sentimento de que — por tudo quanto experimentamos, criamos, superamos, descobrimos ou padecemos em nós mesmos ou nos outros, assim como em toda linha possível de vida ou de morte (orgânica, social, artística, científica etc.) — aumentamos gradativamente (e somos gradativamente incorporados n') o crescimento da Alma ou do Espírito universais.

Esse sentimento supõe, tão-somente, que tenhamos um coração humano apaixonado e que admitamos os três pontos seguintes:

- 1º A Evolução ou Nascimento do Universo é de natureza convergente (não divergente) em direção a uma Unidade final.
- 2º Essa Unidade (construída gradualmente pelo trabalho do Mundo) é de natureza espiritual (entendendo-se o espírito, não como exclusão, mas como transformação ou sublimação, ou como ponto culminante da Matéria).
- 3º O centro dessa Matéria espiritualizada, desse Todo de natureza espiritual, deve ser, por conseguinte, supremamente consciente e pessoal. O oceano que recolhe todas as correntes espirituais do Universo é, não apenas, algo, mas alguém que, ele próprio, tem rosto e coração.

Se se admitem esses três pontos, a vida inteira (e inclusive a morte) passa a ser, para cada um de nós, uma contínua descoberta e conquista da divina e irresistível Presença.

Tal Presença ilumina as zonas secretas mais profundas de todas as coisas e de todos os homens que nos cercam. Podemos alcançá-la na plena realização (e não pelo mero desfrutar) de tudo e de todos. E nada nem ninguém poderá privar-nos d' Ela".

Cabe-nos, então, perguntar: Se a Presença, Energial Fundamental que é o Amor, esta aí, em tudo e em todos, inclusive em cada um de nós mesmos, como pudemos chegar a padecer de escassez, a ponto de nos questionarmos acerca de recursos energéticos e indagarmos "que dinamis-

mo ou força pode impulsionar o Homem à maior produtividade e, cada homem, à sua auto-realização'' ?

Não estaremos configurando outros tantos filhos pródigos, passando necessidades e, portanto, em tempo de entrarmos em nós mesmos, levantarmo-nos e retornarmos à casa paterna para o grande banquete festivo ?

Para os que julgarem que sim, aqui fica consignado o mapa teilhardino simplificado e a sugestão do itinerário a seguir.

NOTA:

(1) Os interessados em aprofundar a visão hiperfísica e conhecer a obra completa de Teilhard de Chardin, poderão entrar em contacto, em nível internacional, com a Fondation Teilhard de Chardin, 38, rue Geoffroy Saint-Hilaire, 75005 — Paris, França; e, em nível nacional, com o Centro de Documentação Teilhard, caixa postal 9112, CEP 01000 — São Paulo — SP